

A inter-relação dos saberes e o nascimento das ciências humanas em Michel Foucault

The inter relation of knowledges of human sciences in Michel Foucault

Palavras-chave: ciências empíricas; filosofia; ciências humanas

Keywords: *empiric sciences; philosophy; human sciences*

Fabiane Marques de Carvalho Souza

Pós-doutoranda em Filosofia na PUC-SP

Doutora em Filosofia pela PUC-Rio

Rio de Janeiro, Brasil.

marquesfabiane@hotmail.com

RESUMO: Procura-se, neste estudo, esclarecer a interrelação dos saberes e o nascimento das ciências humanas, analisando-se *As palavras e as coisas* e a tematização por Foucault, neste livro, dos saberes empíricos modernos, da "Analítica da finitude" moderna, das ciências humanas e das contra-ciências que trazem em si mesmas o desaparecimento do homem do espaço do saber moderno conforme aposta Foucault no livro mencionado.

ABSTRACT: *The intention in this study is to elucidate the inter relation of knowledges and the birth of human sciences in a analysis of The order of things, besides of a analysis of the Foucault's study in this book of the modern empiric knowledges and philosophy, the human sciences and the sciences that involves the end of the man in the place of the modern knowledge as Foucault sees in the mentioned book.*

Em *As palavras e as coisas*, Michel Foucault traça uma história arqueológica das ciências humanas, analisando-as como o resultado de uma inter-relação de saberes. Investigam-se, ao longo do texto, as condições de possibilidade da constituição histórica dos saberes sobre o homem. Para atingir o objetivo de realizar uma arqueologia das ciências humanas, o filósofo opera um recuo histórico por meio do qual atinge o ponto de descontinuidade entre as configurações discursivas do que denomina saberes clássico e moderno. Isso permite que Foucault possa determinar as condições de possibilidade de existência do saber que caracteriza o pensamento moderno ocidental, cuja configuração foi possibilitada por uma transformação no pensamento

ISSN 2359-5140 (Online)
ISSN 2359-5159 (Impresso)

Ipseitas, São Carlos, 2016,
vol. 2, n. 2, p. 83-101

Artigo recebido 13/08/2015

Artigo aceito 30/10/2015

representativo clássico e marcou o aparecimento de uma nova positividade no que Foucault chama no livro de o espaço do saber. Analisa-se, nessa história, a constituição das ciências humanas como algo fundamentado nas transformações verificadas no âmbito do saber, onde o homem aparece, então, como uma novidade a um tempo empírica e transcendental.

Para demonstrar a impossibilidade da existência de ciências humanas anteriormente à modernidade, Foucault descreverá a época clássica e seus saberes, bem como os outros saberes modernos considerados constituintes dessas ciências. Tais saberes modernos são as chamadas " ciências empíricas " , a biologia, a economia política e a filologia. Também o que Foucault chama de " filosofia moderna ", a filosofia moderna e contemporânea tal como configuradas a partir da crítica kantiana, será considerada um saber constitutivo das ciências humanas. Fundamentado a tese da relevância, para a constituição histórica das ciências humanas, da articulação destas com a filosofia e as ciências empíricas modernas, Foucault afirma que os saberes empíricos definiram a sua positividade a partir do final do século XVIII, com o fim da positividade do saber clássico que analisava os seres vivos, as riquezas e as palavras. Estes objetos, não mais analisados no nível da representação, através de uma ordenação por meio de signos, transformam-se, então, em objetos dotados de uma profundidade específica, de uma materialidade. E serão conhecidos empiricamente através de sínteses objetivas, enquanto vida, trabalho e linguagem.¹ O surgimento do conceito de " vida" na modernidade introduziu, nas ciências dos seres vivos, as condições de possibilidade de uma história, constituindo a biologia. O mesmo se dá com o conceito de " trabalho " que constitui a economia política ao introduzir a história na análise das riquezas. Também a " linguagem" é transformada em objeto para o saber,

ISSN 2359-5140 (Online)
ISSN 2359-5159 (Impresso)

Ipseitas, São Carlos, 2016,
vol. 2, n. 2, p. 83-101

¹ Machado, Roberto. *Foucault, a ciência e o saber*. Pp 111-142.

adquirindo uma espessura própria, independente da sua capacidade de exprimir representações.²

A modernidade, para Foucault, rompe com a indissociabilidade clássica entre as palavras e as coisas. Na época clássica, todas as coisas eram representáveis e todas as representações correspondiam a coisas com um terceiro termo assegurando a veracidade das representações. Na modernidade, de um lado, estão as coisas em sua concretude, organização e historicidade, e, de outro lado, as representações imprecisas dessa realidade opaca. Doravante, as coisas só se dão mediante uma subjetividade. É através do homem, figura nova sob um velho nome, que o ser acede ao saber quando se descolam as coisas e as representações. Na época clássica, no que Foucault chama de " epistémê " clássica, isto é, a configuração clássica do saber, o homem era ausente. Uma vez que a verdade do ser era dada por uma série de representações ordenadas em um quadro, o homem, enquanto fundamento, enquanto sujeito constituinte do conhecimento das coisas, era totalmente desnecessário. Mas no que Foucault chama de " epistémê " moderna, a representação não esgota mais a totalidade do real, pois as coisas se separam das representações, aparecendo, enquanto objetos para o conhecimento empírico na materialidade da vida, do trabalho e da linguagem. Surge, então, o homem, enquanto sujeito do conhecimento, na condição de um instrumento indispensável mediante o qual a concretude das coisas se oferece ao olhar. No entanto, ao mesmo tempo que, através do homem, a vida, o trabalho e a linguagem acedem ao saber, estas empiricidades muito mais arcaicas que a sua consciência condicionam a existência desse mesmo homem. Daí que, na configuração moderna do saber, o homem apareça não apenas como sujeito, mas também como

ISSN 2359-5140 (Online)
ISSN 2359-5159 (Impresso)

Ipseitas, São Carlos, 2016,
vol. 2, n. 2, p. 83-101

² Rouanet, Sérgio Paulo. " A gramática do homicídio", in: *O homem e o discurso: A arqueologia de Michel Foucault*. Pp. 121-137.

objeto do conhecimento, pois conhecer as empiricidades equivale a conhecer o homem.³

Entre essas empiricidades, a vida, o trabalho e a linguagem, insere-se então o homem, que se descobre, em sua finitude, na condição de meio de produção, situado entre os animais e de posse da linguagem. Conhecer o homem é conhecer tais objetos dos saberes empíricos. A isso se acresce ser o homem finito também enquanto sujeito do conhecimento, que reflete sobre os limites de seu corpo, de seu desejo e de sua fala. De um lado o homem é determinado, na medida em que se encontra naturalizado e historicizado; de outro, ele é condição de possibilidade do saber, é o fundamento mesmo da sua finitude empírica. Essa correlação do homem com o objeto e com o sujeito do conhecimento indica a duplicidade da sua posição no espaço do saber moderno. E é esta tautologia que pode explicar o aparecimento desse conjunto de discursos denominados ciências humanas. Estas não se confundem nem com as ciências empíricas, nem com a filosofia. São a psicologia, a sociologia e a análise da literatura e dos mitos. Foucault afirma no texto que a questão das ciências humanas encontra-se entre o empírico e o transcendental, situada no espaço da representação. E a representação, que, na modernidade, não é mais objeto, nem das ciências empíricas, nem da filosofia, passa então a fazer referência ao homem. E isso porque o objeto das ciências humanas é a representação que o homem se faz dos objetos empíricos. Ali, o homem é estudado, representando a vida, a sociedade e o sentido das palavras. Daí o fato de essa tematização do homem que se representa suas atividades básicas ser considerada, por Foucault, como constituindo uma reduplicação dos saberes empíricos.⁴

No que Foucault chama de espaço do saber da modernidade, portanto, o homem surge como sendo,

³ Machado, Roberto. *Foucault, a ciência e o saber*. Pp 111-142.

⁴ Machado, Roberto. *Foucault, a ciência e o saber*. Pp 111-142.

de um lado, objeto das ciências empíricas, e, de outro lado, sujeito do conhecimento, o fundamento da filosofia moderna. E é essa novidade, a saber, a constituição do homem como um duplo empírico-transcendental, que possibilita o surgimento do conjunto de discursos chamado ciências humanas. Ao traçar a história arqueológica da emergência dessa configuração discursiva característica das ciências humanas como possibilitada pela dupla posição do homem no espaço do saber da modernidade, Foucault procura posicionar-se criticamente com relação ao humanismo subjetivista e ao antropologismo filosófico predominantes na filosofia moderna e contemporânea e que teriam se configurado no pensamento filosófico ocidental, de acordo com Foucault, a partir da reflexão antropológica surgida na filosofia moderna no momento em que Kant concentra as suas questões críticas na pergunta filosófica acerca do homem.

Segundo Foucault, o fracasso das várias tentativas feitas pelo pensamento moderno de fundamentar o saber do homem a partir do homem está relacionado à ambivalência dessa situação do homem na disposição do saber na modernidade. É no capítulo *O homem e seus duplos* de *As palavras e as coisas* que Foucault descreve, por assim dizer, o modo como se configura a filosofia moderna. E, segundo Foucault, tal configuração caracteriza-se por ser antropológica. Ao longo deste capítulo, Foucault procura demonstrar como, em decorrência da filosofia kantiana, se constituem, na modernidade, filosofias como o positivismo, a dialética e a fenomenologia. A principal crítica feita por Foucault à filosofia moderna consiste em explicitar como este pensamento não consegue manter a distinção, mostrada por Kant, entre o nível empírico e o transcendental. E isso porque, segundo Foucault, a filosofia moderna caracteriza-se por ser uma reflexão de nível misto, que confunde o empírico e o transcendental, uma vez que ela toma, como o seu sujeito, como fundamento da reflexão

filosófica, o homem das ciências empíricas, o homem que nasceu com a vida, o trabalho e a linguagem.

Foucault diz que a preocupação da filosofia moderna com o homem trata-se, de fato, " de uma reduplicação empírico-crítica pela qual se tenta fazer valer o homem da natureza, da permuta ou do discurso como fundamento da sua própria finitude" . Diz também que: " ...nessa dobra, a filosofia adormeceu num sono novo; não mais o do Dogmatismo, mas o da Antropologia. " Foucault constata, portanto, a existência de uma circularidade, na analítica da finitude moderna, entre o empírico e o transcendental, uma vez que mesmo em se querendo uma reflexão transcendental. a filosofia moderna confunde e superpões os dois níveis, ao tornar o transcendental uma reduplicação, uma repetição filosófica do empírico descoberto pelas ciências.

Em *O homem e seus duplos*, Foucault descreve essa forma moderna de pensamento, chamando-a de "analítica da finitude". Mediante uma tal forma de pensamento, segundo Foucault, "o ser do homem poderá fundar, na possibilidade delas, todas as formas que lhe indicam que ele não é infinito."⁵ Neste pensamento antropológico, definido por Foucault como "um pensamento do Mesmo", o homem, que, na idade clássica, era um ser entre outros seres, torna-se um sujeito entre objetos. A peculiaridade deste sujeito, para Foucault, relaciona-se com o fato de, na modernidade, o homem compreender que aquilo que ele pretende conhecer não consiste apenas nos objetos do mundo, mas ele conhece também a si mesmo, de modo que se torna então o sujeito e o objeto de seu próprio conhecimento. O pensamento moderno define um pensamento do Mesmo porque é o mesmo homem que é, ao mesmo tempo, o sujeito e o objeto desse pensamento. Pode-se dizer que o sujeito cognoscente, na analítica da finitude, não é apenas um puro espectador. E isso porque o homem encontra-se de tal

⁵ Foucault, Michel. *As palavras e as coisas*, p.331.

maneira envolvido no processo de conhecimento, que ele se torna obscurecido pelos próprios objetos que ele tenta conhecer. No entanto, o pensamento pós-kantiano irá transformar esse limite na base de todo conhecimento possível. Surge assim a finitude do homem na positividade do saber. A novidade dessa linha de pensamento pós-kantiana consiste no fato de ela tentar tratar as limitações factuais como finitude e de tentar fazer dessa finitude a condição de possibilidade de todos os fatos. Essa noção de que os limites mesmos do conhecimento fundam positivamente a possibilidade do saber, Foucault chamará de analítica da finitude. Nessa analítica da finitude, o homem emerge como sujeito e objeto de conhecimento e também, paradoxalmente, como o organizador do espetáculo em que aparece.

Enquanto traça, em *O homem e seus duplos*, a configuração do pensamento moderno, Foucault procura mostrar como o discurso antropológico, em sua tentativa de, ao mesmo tempo, afirmar e negar plenamente a finitude do homem, abre em si mesmo um espaço, no qual a analítica da finitude acaba por se debater numa série de estratégias inviáveis. “De um extremo ao outro da experiência, a finitude responde a si mesma; ele é, na figura do *Mesmo*, a identidade e a diferença das positivities e de seu fundamento.”⁶ A cada nova tentativa, o que se afirma, na analítica da finitude, é uma identidade e uma diferença entre a finitude como limitação e a finitude como fonte de todos os fatos, uma identidade e uma diferença entre o empírico e o transcendental. Daí Foucault afirmar que: “Vê-se como a reflexão moderna, desde o primeiro esboço dessa analítica, se inclina em direção a certo pensamento do Mesmo _ onde a Diferença é a mesma coisa que a Identidade”⁷ Na medida em que constata a existência, na analítica da finitude, de uma circularidade entre o empírico e o transcendental, Foucault conclui que os problemas resultantes da

⁶ Foucault, Michel. *As palavras e as coisas*, p.331

⁷ Foucault, Michel. *As palavras e as coisas*, p.331

instabilidade do duplo empírico-transcendental apenas serão superados, na medida em que o discurso antropológico for descartado. Daí Foucault dizer que:

A verdadeira contestação do positivismo e da escatologia não está, pois, num retorno ao vivido (que, na verdade, antes os confirma, enraizando-os); mas, se ela pudesse exercer-se, seria a partir de uma questão que, sem dúvida, parece aberrante, de tal modo está em discordância com o que tornou historicamente possível todo o nosso pensamento. Essa questão consistiria em perguntar se o homem verdadeiramente existe.⁸

As ciências humanas constituíram-se, para a análise arqueológica, como o resultado de uma interrelação entre as ciências empíricas e a analítica da finitude modernas. Segundo Foucault: “elas apareceram no dia em que o homem se constituiu na cultura ocidental, ao mesmo tempo como o que é necessário pensar e o que se deve saber”.⁹ E essa ambigüidade do homem, no espaço do saber moderno, pode explicar o aparecimento desse conjunto de discursos denominados ciências humanas na modernidade. Estas não se confundem nem com as ciências empíricas, nem com a filosofia. São a psicologia, a sociologia e a análise das literaturas e dos mitos. Foucault afirma no texto que a questão das ciências humanas encontra-se entre o empírico e o transcendental, situada no espaço da representação. E a representação, que, na modernidade, não é mais objeto, nem das ciências empíricas, nem da filosofia, passa então a fazer referência ao homem. E isso porque o objeto das ciências humanas é a representação que o homem se faz dos objetos empíricos. Ali, o homem é estudado representando a vida, a sociedade e o sentido das palavras. Daí o fato de essa tematização do homem que se representa suas atividades básicas ser considerada, por Foucault, como constituindo uma reduplicação dos saberes empíricos.¹⁰

⁸ Foucault, Michel. *As palavras e as coisas*, p.338.

⁹ Foucault, Michel. *As palavras e as coisas*, p.362.

¹⁰ Machado, Roberto. *Foucault, a ciência e o saber*. Pp 111-142.

Embora se relacionem com a biologia, com a economia política e com a filologia, as ciências humanas não se confundem com essas ciências, pois o seu objeto não é o homem enquanto positividade empírica, mas é a representação que o homem se faz dos objetos das ciências empíricas. As ciências humanas não são a análise do que o homem é em sua natureza, mas a análise do homem enquanto fonte de representações. Para a psicologia, o homem não é o ser vivo biologicamente considerado, mas o ser que traduz a sua vida em representações. Para a sociologia, o homem não é o ser que trabalha, mas o ser que constrói representações sobre a sociedade em que exerce essa atividade. Para a análise das literaturas e dos mitos, o homem não é o ser que fala, mas o ser que representa o sentido das suas palavras. A respeito da articulação das ciências humanas com as ciências empíricas e com a filosofia moderna, Foucault observa que:

Vê-se que as ciências humanas não são uma análise do que o homem é por natureza; são antes uma análise que se estende entre o que o homem é em sua positividade (ser que vive, trabalha, fala) e o que permite a esse mesmo ser saber (ou buscar saber) o que é a vida, em que consistem a essência do trabalho e suas leis, e de que modo ele pode falar. As ciências humanas ocupam, pois, essa distância que separa (não sem uni-las) a biologia, a economia, a filologia daquilo que lhes dá possibilidade no ser mesmo do homem. (...) Elas reconduzem sub-repticiamente as ciências da vida, do trabalho e da linguagem, para o lado dessa analítica da finitude que mostra como pode o homem haver-se, no seu ser, com essas coisas que ele conhece e conhecer essas coisas que determinam, na positividade, seu modo de ser.¹¹

Através da representação da vida, do trabalho e da linguagem, o homem aparece, no plano da biologia, como um ser que tem “funções” regradas por “normas” que permitem o seu exercício; no plano da economia, como um ser numa irreduzível situação de “conflitos” solucionados mediante “regras”; no plano da linguagem, como um ser, cuja conduta possui uma

¹¹ Foucault, Michel. *As palavras e as coisas*, p.370.

“significação” que se apóia num “sistema” de signos. Os três pares de função e norma, de conflito e regra, de significação e sistema atravessam todo o campo das ciências humanas. Cada um desses pares funciona fundamentalmente no domínio das ciências humanas a que estão ligados, mas podem ser retomados em qualquer um dos domínios adjacentes. Inicialmente, os pontos de vista da função, do conflito e da significação prevaleciam sobre os da norma, da regra e do sistema, mas, com o deslocamento da ênfase para os pontos de vista da norma, da regra e do sistema, a dimensão do inconsciente foi integrada nas ciências humanas, porquanto a norma, a regra e o sistema são dados à representação, mas não necessariamente à consciência. Não somente é possível que se possa exercer uma função, desenvolver um conflito e entender um significado sem que se passe pelo momento de uma consciência explícita, mas é possível também que a norma que determina a função, a regra que rege o conflito e o sistema que possibilita a significação atuem à margem da consciência. Mas o fato de não se dar à consciência não implica que se escape da lei da representação. Segundo Foucault: “a importância cada vez mais acentuada do inconsciente em nada compromete o primado da representação.”¹²

A representação não é simplesmente um objeto para as ciências humanas, mas é o próprio campo das ciências humanas, é o seu suporte geral, aquilo a partir do qual elas são possíveis. Diferentemente, portanto, das ciências empíricas e do pensamento moderno, as ciências humanas não contornam o primado da representação. Entretanto, não são uma espécie de continuação do saber clássico, pois elas só nasceram na medida em que toda a configuração do saber modificou-se com o aparecimento do homem, um ser que não existia no campo do saber clássico. Por outro lado, ao tratarem, consciente ou inconscientemente, da representação, as ciências humanas tratam como

ISSN 2359-5140 (Online)
ISSN 2359-5159 (Impresso)

Ipseitas, São Carlos, 2016,
vol. 2, n. 2, p. 83-101

¹² Foucault, Michel. *As palavras e as coisas*, p.380.

seu objeto aquilo que é sua condição de possibilidade.¹³ Daí que sejam animadas por uma espécie de mobilidade transcendental e que exerçam para consigo próprias uma retomada crítica, porquanto vão, segundo um percurso que se dá sob a forma de um desvelamento, “do que é dado à representação ao que torna possível à representação, mas que é ainda uma representação.”¹⁴ A esse respeito, Foucault observa que:

No horizonte de toda ciência humana, há o projeto de reconduzir a consciência do homem às suas condições reais, às formas que a fizeram nascer e que nelas se esquivam; é por isso que o problema do inconsciente (...) não é simplesmente um problema interior às ciências humanas e que elas encontrassem ao acaso de seus procedimentos; é um problema que é, afinal, co-extensivo à sua própria existência. Uma sobrelevação transcendental revertida num desvelamento é constitutiva de todas as ciências do homem.¹⁵

O que é específico das ciências humanas, portanto, não é o homem, pois que elas não foram constituídas por ele, mas pela disposição geral da *epistémê* moderna, que lhes permitiu tomar o homem como objeto. As ciências humanas existem não onde se tematiza o homem, mas onde se analisam, na dimensão do inconsciente, normas, regras e sistemas que regulam o mundo da vida, do trabalho e da linguagem.

As ciências humanas constituem, para Foucault, um empreendimento paradoxal e falsamente evidente. A arqueologia das ciências humanas tem por função justamente desmascarar essas falsas evidências, inquietar e contestar o dogma antropológico que as anima e adormece o pensamento contemporâneo.

Tal contestação se funda primeiramente sobre a análise do campo epistêmico geral no interior do qual

¹³ Rouanet, Sérgio Paulo. “A gramática do homicídio”, in: *O homem e o discurso: A arqueologia de Michel Foucault*. Pp. 121-137

¹⁴ Foucault, Michel. *As palavras e as coisas*, p.381.

¹⁵ Foucault, Michel. *As palavras e as coisas*, p.381.

as ciências humanas têm o seu lugar. Com efeito, a aparição das ciências humanas é considerada um acontecimento na ordem do saber. Isso significa que elas não devem ser compreendidas como a elaboração e a aplicação de um método científico a propósito de um objeto que as tenha precedido. Não devem ser compreendidas tampouco como a conscientização histórica de que o homem é um objeto determinável. Elas dependem, sim, da redistribuição geral do que Foucault chama de " epistémê ", isto é, da configuração do saber, na qual o homem aparece como fundamento possível da vida, do trabalho e da linguagem no momento em que a teoria clássica da representação desaparece.

Para determinar o domínio e a forma de positividade próprios das ciências humanas, Foucault representa a disposição epistemológica do saber moderno sob a forma de um triedro que delimita um espaço volumoso e aberto segundo três dimensões. Esse triedro dos saberes modernos consiste na articulação de três eixos: o das ciências dedutivas, matemáticas e físicas; o das ciências empíricas da vida, do trabalho e da linguagem e o da filosofia moderna. Esses eixos compõem entre si planos comuns de intervenção e de trocas teóricas. O traçado desse triedro dos saberes tem por função deixar em suspenso uma questão sobre onde se situa o empreendimento das ciências humanas que aparece excluído desse esquema geral. Isso porque a construção de Foucault visa precisamente mostrar a profunda indeterminação epistemológica das ciências humanas, uma vez que elas só encontram o seu espaço no vazio aberto entre os três planos de intersecção que formam o triedro epistemológico. Assim, as ciências humanas só se definem através da relação que possuem com as outras dimensões do saber, das quais elas dependem essencialmente. Isso indica a sua ambivalência constitutiva, que as faz aparecer como a um tempo perigosas e em perigo. Tal perigo resulta do fato de elas ocuparem uma posição

instável, relativamente indeterminada, à margem dos domínios dos saberes constituídos e de seus planos de intersecção, o que as torna cientificamente duvidosas. Mas esse caráter derivado das ciências humanas constitui uma ameaça constante para a reflexão epistemológica, na medida em que elas, não estando estabelecidas em nenhum lugar, podem se propagar por todos os lugares e se insinuar nos planos intermediários que unem as três dimensões do espaço epistemológico moderno. Há, assim, uma tendência moderna à antropologização inerente a essa posição ocupada pelas ciências humanas no espaço do saber moderno.¹⁶

É possível situar a positividade das ciências humanas, partindo da sua relação privilegiada com as ciências da vida, do trabalho e da linguagem. Segundo Foucault, como já exposto, o objeto das ciências humanas não é o homem que vive, trabalha e fala, mas é a representação que o homem se faz dos objetos das ciências empíricas. Há, portanto, não apenas parasitagem, mas, nos termos de Foucault, reduplicação das ciências da vida, do trabalho e da linguagem pelas ciências humanas que estudam a maneira como o homem se representa esses objetos através dos quais ele aparece para si mesmo como um ser finito. Consequentemente, não é nem o homem em si mesmo, cujo modo de ser é estudado pela filosofia moderna, nem os seus puros funcionamentos, isolados pela biologia, pela economia política e pela filologia, que formam o campo de análise específico das ciências humanas, mas precisamente o homem enquanto ele é capaz de se representar os seus próprios funcionamentos de ser finito. Nessas condições, as ciências humanas são, por assim dizer, intermediárias no espaço do saber moderno, uma vez que elas ocupam e percorrem o vazio que separa a dimensão das ciências empíricas e a dimensão da

ISSN 2359-5140 (Online)
ISSN 2359-5159 (Impresso)

Ipseitas, São Carlos, 2016,
vol. 2, n. 2, p. 83-101

¹⁶ Sabot, Philippe. *Lire "les mots et le choses" de Michel Foucault*. Pp.150-156.

filosofia da finitude constituinte, a filosofia moderna, segundo Foucault.¹⁷

A identificação de uma reduplicação representativa como característica fundamental das ciências humanas confere a elas uma posição específica no espaço do saber moderno. Recuando e dependendo, ao mesmo tempo, dos saberes positivos, elas se encontram, escreve Foucault, numa posição "ana" ou "hipo-epistemológica", o que lhes assinala o seu caráter segundo e derivado e que constitui uma primeira brecha em sua pretensão o reconhecimento científico.

Numa contraposição às ciências humanas, que, embora retrocedam em direção ao inconsciente, permanecem no espaço do representável, a psicanálise opera diretamente na dimensão do inconsciente, procurando atravessar a representação para fazer surgir não as normas, as regras e os sistemas, mas as suas condições de possibilidade. Nessa região, onde a representação fica em suspenso, desenham-se as três figuras freudianas fundamentais: a Morte, condição de possibilidade da vida, com suas funções e suas normas; o Desejo, condição de possibilidade do trabalho, com seus conflitos e suas regras; e a Lei, condição de possibilidade da linguagem, com suas significações e seus sistemas. Tais figuras são as próprias formas da finitude em que se fundamenta todo saber sobre o homem. E como a psicanálise situa-se nessa região em que todo saber se funda, ela não pode ser considerada uma ciência humana, mas é considerada uma contra-ciência que a um tempo funda e desmistifica as demais.¹⁸

ISSN 2359-5140 (Online)
ISSN 2359-5159 (Impresso)

Ipseitas, São Carlos, 2016,
vol. 2, n. 2, p. 83-101

¹⁷ Sabot, Philippe. *Lire "les mots et les choses" de Michel Foucault*. Pp.150-156.

¹⁸ Foucault refere-se aqui à psicanálise lacaniana como contra-ciência contestadora das ciências humanas e não à psicanálise mais tradicional. Isto porque a psicanálise tradicional é considerada por ele ainda uma ciência humana, uma vez que, ali, o inconsciente é tematizado a partir de seus conteúdos representativos, o que caracteriza as ciências humanas e que já não acontece com a psicanálise lacaniana, em que o inconsciente é considerado uma espécie de "inconsciente estrutural", sempre tematizado a partir da sua

Situada na dimensão da história, a etnologia também pode ser considerada uma contra-ciência. A etnologia, como a psicanálise, não interroga o homem, mas a região que possibilita um saber sobre o homem. Enquanto a psicanálise usa a relação de transferência para descobrir, numa região exterior à representação, as figuras concretas da finitude desenhadas pela Morte, pelo Desejo e pela Lei, a etnologia instala-se na singularidade da relação que a cultura ocidental estabelece com outras culturas para descobrir, por trás das representações conscientes dos homens, as normas, as regras e os sistemas que regem as funções da vida humana, os conflitos das suas necessidades e as significações da sua linguagem. E ao desvendar como se processam, em outras culturas, a normalização das funções biológicas, a regulamentação dos conflitos sócio-econômicos e a sistematização das significações da linguagem, a etnologia pluraliza os espaços possíveis de aparição do sujeito humano através do desvelamento de estruturas simbólicas outras.

Com relação ao fato de a psicanálise e a etnologia prepararem uma contestação do saber sobre o homem, na medida em que revelam os mecanismos da sua formação, Foucault observa que:

Não apenas elas podem dispensar o conceito de homem, como ainda não podem passar por ele, pois se dirigem sempre ao que constitui seus limites exteriores. Pode-se dizer de ambas o que Lévi-Strauss dizia da etnologia: elas dissolvem o homem. Não que se trate de reencontrá-lo melhor, mais puro e como que liberado; mas, sim, porque elas remontam em direção ao que fomenta sua positividade. Em relação às “ciências humanas”, a psicanálise e a etnologia são antes “contra-ciências”; o que não quer dizer que sejam menos “racionais” ou “objetivas” que as outras, mas que elas as assumem no contrafluxo, reconduzem-nas a seu suporte epistemológico e não cessam de “desfazer” esse homem que, nas ciências humanas, faz e refaz sua positividade.¹⁹

Pode-se dizer que tanto a etnologia quanto a psicanálise poderiam encontrar o seu modelo formal

estrutura, de sua configuração formal.

¹⁹ Foucault, Michel. *As palavras e as coisas*, p.396.

no tema de uma linguagem pura, ou seja, numa disciplina que abrangesse a dimensão em que a etnologia refere as ciências humanas às positivities e a dimensão em que a psicanálise refere o saber do homem à finitude que o fundamenta. Tal disciplina, que corresponde à lingüística, também é considerada por Foucault uma contra-ciência, na medida em que se funda num domínio de positivities exteriores ao homem, porquanto se trata de linguagem pura, e na medida em que atinge a questão da finitude, já que, pelo fato de ser condição de possibilidade do pensamento, a linguagem é uma positividade que vale como fundamento. Para Foucault, na medida em que revela, num afastamento das ciências empíricas e da analítica da finitude, ambos os elementos responsáveis pela constituição do saber sobre o homem, a lingüística cria as condições, junto com as outras contra-ciências, para uma generalização e para uma radicalização da contestação a esse saber. A esse respeito, Foucault afirma que:

Acima da etnologia e da psicanálise, mais exatamente intrincada com elas, uma terceira “contraciência” viria percorrer, animar, inquietar todo o campo constituído das ciências humanas e, extravasando-o, tanto do lado das positivities quanto do lado da finitude, formaria sua contestação mais geral. Com as duas outras contraciências, ela faria aparecer, num modo discursivo, as formas-limites das ciências humanas; (...) Todas três põem em risco, “expondo-o”, aquilo mesmo que permitiu ao homem ser conhecido. Assim se tece sob nossos olhos o destino do homem, mas tece-se às avessas; nestes estranhos fusos, é ele reconduzido às formas do seu nascimento, à pátria que o tornou possível. Mas não é essa uma forma de conduzi-lo ao seu fim? Pois a lingüística, tanto quanto a psicanálise ou a etnologia, não fala do próprio homem.²⁰

A importância da lingüística faz com que reapareça, no espaço do saber, a questão do ser da linguagem, questão que reconduz o pensamento contemporâneo ao lugar que Nietzsche e Mallarmé indicaram, quando um deles perguntou: Quem fala? e o outro encontrou a resposta na própria palavra. Essa

²⁰ Foucault, Michel. *As palavras e as coisas*, p.398.

questão do ser da linguagem encontra-se também na outra extremidade da cultura ocidental contemporânea, pois a literatura atual é fascinada pelo ser da linguagem. O objeto da literatura contemporânea é a própria linguagem explorada em suas possibilidades intrínsecas independentemente de referentes externos. Esse retorno da questão da linguagem, tanto na reflexão formal, quanto na literatura, é considerado por Foucault uma espécie de prova de que o homem está em via de desaparecer. Com efeito, toda a *epistémê* moderna, que constituiu o modo de ser do homem e a possibilidade de conhecê-lo empiricamente, foi formada com o desaparecimento do Discurso que, separando as coisas das representações, exigiu o surgimento do homem como elemento mediador. Esse ressurgimento da linguagem, por conseguinte, pode ser considerado como sintoma de uma nova configuração epistemológica em que a figura do homem se torne desnecessária. A esse respeito, Foucault formula algumas questões que deixa em suspenso, mas das quais sabe que apenas a possibilidade de serem colocadas já constitui como que uma abertura para um pensamento futuro²¹:

Se essa mesma linguagem surge agora com insistência cada vez maior numa unidade que devemos mas não podemos ainda pensar, não será isto o sinal de que toda essa configuração vai agora deslocar-se, e que o homem está em via de perecer, na medida em que brilha mais forte em nosso horizonte o ser da linguagem? Tendo o homem se constituído quando a linguagem estava votada à dispersão, não vai ele ser disperso quando a linguagem se congrega? (...) Não se deve admitir que, estando a linguagem novamente aí, o homem retornará àquela inexistência serena em que outrora o mantivera a unidade imperiosa do Discurso?²²

Para Foucault, o limiar da modernidade situa-se no momento em que se constituiu, no espaço do saber, um duplo empírico-transcendental chamado homem. Este homem, em sua ambigüidade, é, de um

²¹ Machado, Roberto. . *Foucault, a ciência e o saber*. Pp.111-142.

²² Foucault, Michel. *As palavras e as coisas*, p.403.

lado, o objeto das ciências empíricas, e, de outro lado, o sujeito da filosofia moderna. No entanto, segundo Foucault, ele já estaria condenado a desaparecer do espaço do saber num futuro próximo. E isso porque essa dualidade do homem moderno conduziu a reflexão a assumir uma forma, por assim dizer, insustentável, na medida em que esta passou a confundir os dois níveis, assimilando o empírico, o nível do homem que vive, fala e trabalha, ao nível do sujeito transcendental. Mas, na medida em que descreve, no espaço do saber recente, a configuração de alguns discursos, como a etnologia, a psicanálise, a lingüística e a literatura, os quais, dizendo respeito ao que dissolve o homem em regras, desejos, morte, inconsciente e linguagem, acabam por anunciar o seu fim, Foucault pode apostar no desaparecimento do homem numa futura disposição do saber ocidental. Daí Foucault afirmar, no último parágrafo de *As palavras e as coisas*, referindo-se às disposições fundamentais do saber na modernidade:

Se estas disposições viessem a desaparecer tal como apareceram, se, por algum acontecimento de que podemos quando muito pressentir a possibilidade, mas de que no momento não conhecemos ainda nem a forma nem a promessa, se desvanecessem, como aconteceu, na curva do século XVIII, com o solo do pensamento clássico _ então se pode apostar que o homem se desvaneceria, como, na orla do mar, um rosto de areia.²³

ISSN 2359-5140 (Online)
ISSN 2359-5159 (Impresso)

Ipseitas, São Carlos, 2016,
vol. 2, n. 2, p. 83-101

Bibliografia:

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

FOUCAULT, Michel. *Les mots et les choses*. Paris: Éditions Gallimard, 1966.

FOUCAULT, Michel e ROUANET, Sergio Paulo e MERQUIOR, José Guilherme e LECOURT, Dominique e ESCOBAR, Carlos Henrique. O

²³ Foucault, Michel. *As palavras e as coisas*, p.404.

homem e o discurso: a arqueologia de Michel Foucault. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
MACHADO, Roberto. *Foucault, a ciência e o saber*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.
SABOT, Philippe. *Lire Les mots et les choses de Michel Foucault*. Paris: PUF, 2006.

ISSN 2359-5140 (Online)
ISSN 2359-5159 (Impresso)

Ipseitas, São Carlos, 2016,
vol. 2, n. 2, p. 83-101